



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CORONELISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
“TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA” DE JORGE AMADO**

ANANERI VIEIRA DE LIMA

Catolé do Rocha – PB

2013

ANANERI VIEIRA DE LIMA

**CORONELISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
“TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA” DE JORGE AMADO**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura plena em letras.

Orientadora:
Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

Catolé do Rocha – PB

2013

L732c Lima, Ananeri Vieira de.
Coronelismo e violência contra a mulher em
“Tereza Batista Cansada de Guerra” de Jorge Amado.
Ananeri Vieira de Lima. – Catolé do Rocha, PB, 2013.
46 f.

Monografia (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes,
Departamento de Letras e Humanidades.

1. Coronelismo. 2. Violência. 3. Patriarcalismo. I. Título.

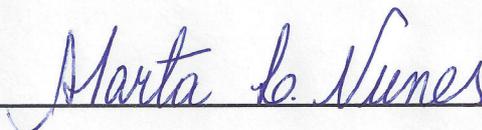
21. ed. CDD 364.28

ANANERI VIEIRA DE LIMA

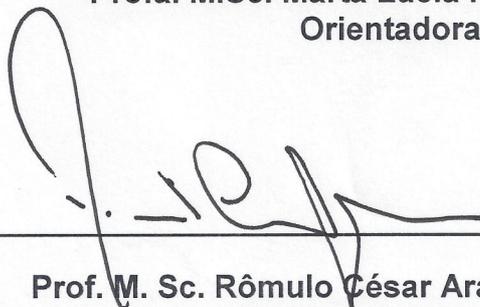
**CORONELISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
“TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA” DE JORGE AMADO**

Aprovado em 02 de Setembro de 2013.

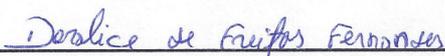
Banca examinadora



**Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB
Orientadora**



**Prof. M. Sc. Rômulo César Araújo Lima – UEPB
Examinador**



**Profa M. Sc. Doralice de Freitas Fernandes – UEPB
Examinadora**

**Catolé do Rocha – PB
2013**

Aos meus pais, **Francisco** e **Maria das Neves**, pelo amor incondicional e por sempre acreditarem em mim, e a minha querida irmã **Ana Paula**, pelo exemplo de responsabilidade e competência.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que é centro de tudo na minha vida, por renovar a cada instante a minha força e coragem, e pelo discernimento fornecido ao longo dessa jornada. Quero agradecer também aos meus pais **Francisco Vieira Carneiro** e **Maria das Neves Lima**, pois sem eles eu não seria ninguém, agradeço pela preocupação para que eu estivesse sempre andando pelo caminho correto. Iluminando de maneira especial os meus pensamentos, a quem eu rogo todas as noites por estarem sempre presentes na minha vida.

A minha orientadora, **Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes**, que acreditou em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimento e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação.

A minha irmã e colega de curso **Ana Paula Lima Carneiro** que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, preocupando-se até com os problemas pessoais pelos quais passei durante esse período de construção do TCC. Obrigada por contribuir com tantos ensinamentos, tanto conhecimento, tantas palavras de força e ajuda.

Aos meus irmãos pelo amor e carinho, os quais tenho laços eternos.

Aos meus sobrinhos, pelos simples fato de existirem e sorrirem para mim.

Aos meus familiares, em especial minha cunhada **Maria de Fátima**, pelas demonstrações de carinho e afeto.

A **Francisco Vieira** e **José Vieira**, meus primos e grandes amigos, e também a minha grande amiga **Katiane Barbosa**, por estarem sempre presentes em minha vida, pelas palavras de encorajamento através de suas experiências e vivências pessoais e acadêmicas.

A **Thiago Alves da Costa**, um amigo muito especial, que ficou ao meu lado em todas as horas, principalmente no período da elaboração deste TCC, quando estava confusa, deprimida e estressada. Sempre me animava com palavras de encorajamento demonstrando ser atencioso e paciente. Quero expressar meu profundo carinho pela sua amizade.

A todos os meus colegas do curso de Letras, em especial **Geane Tavares Azevedo** e **Ubiracy Feitosa da Rocha Sobrinho**. Peço a Deus que os abençoe grandemente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e prosperidade.

Ao secretário do departamento de letras **Francisco Bezerra (Irmão Neto)** por poder contar sempre com ele nos momentos que precisei, pela atenção e disponibilidade.

A todos os professores da UEPB, em especial o professor M. Sc. **Rômulo César Araújo Lima**, por ter acreditado na minha capacidade e envolvimento com o projeto de extensão Cine Clube Êita, dando-me a oportunidade de ser extensionista desse projeto, o qual foi de fundamental importância na minha vida acadêmica.

Enfim, agradeço a todos que me apoiaram e me incentivaram nesta jornada em busca de novos horizontes. Não posso considerar como o fim, pois é apenas o começo de uma nova caminhada.

A violência contra as mulheres é talvez a mais vergonhosa violação dos direitos humanos. Não conhece fronteiras geográficas, culturais ou de riqueza. Enquanto se mantiver, não poderemos afirmar que fizemos verdadeiros progressos em direção à igualdade, ao desenvolvimento e à paz.

Kofi Annan

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a obra “Tereza Batista Cansada de Guerra” de Jorge Amado, discutindo o coronelismo e a violência contra a mulher, pelo fato de Tereza, a personagem principal do referido romance, ter sido violentada várias vezes por um coronel. No entanto, a mesma se sobressai, mostrando não ser submissa, resistindo fortemente às agressões, ou seja, apresenta uma mulher além da sua época. Trata-se de um romance regionalista publicado inicialmente no Brasil em 1972, numa década marcada pelos movimentos feministas, que reivindicavam a igualdade entre gêneros e o reconhecimento da importância da mulher na sociedade. Esse romance se destaca pela reflexão sobre a figura feminina numa sociedade caracterizada pelo patriarcalismo. Na referida pesquisa, foi feita uma análise a respeito da forma como o coronel agredia a protagonista, no intuito de investigar a violência contra a mulher e a relação entre o coronelismo e o romance estudado. Esse trabalho foi elaborado metodologicamente com base em pesquisas bibliográficas centradas nos seguintes autores: Teles (2003), Vilaça e Albuquerque (2006), Leal (2012), Falcón (2010), Chauí (2001), Kolontai (2011), Koss (2000), Pinto (2003), Beauvoir (1980), Candido (2010, 2011), Samuel (1985), Pontes (1979), dentre outros. A discussão suscitada neste trabalho aponta para um cenário no qual a mulher, representada pela personagem Tereza, encontra-se numa situação de extrema desigualdade em relação ao poder patriarcal, mas isso não impede que ela lute em busca de uma possível emancipação.

Palavras-chave: Coronelismo. Violência. Patriarcalismo.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the work "Tereza Batista Cansada de Guerra" by Jorge Amado, discussing coronelismo and violence against women, because Tereza, the main character of this novel, was raped several times by a colonel. However, she stands, showing not being submissive, strongly resisting the aggression, in other words, presenting a woman beyond her time. It is a regionalist novel first published in Brazil in 1972, a decade marked by the feminist movement, claiming gender equality and the recognition of the importance of women in society. This novel stands out for reflection on the female figure in a society characterized by patriarchy. In the cited research, an analysis was made regarding the way the Colonel assaulted the protagonist in order to investigate violence against women and the link between the coronelismo and the novel studied. This work was done methodologically based on literature searches focused on the following authors: Teles (2003), Vilaça & Albuquerque (2006), Leal (2012) Falcón (2010), Chauí (2001), Kolontai (2011), Koss (2000), Pinto (2003), Beauvoir (1980), Candido (2010, 2011), Samuel (1985), Pontes (1979), among others. The discussion raised in this work points to a scenario in which the woman, represented by the character Tereza, finds itself in a situation of extreme inequality in relation to patriarchal power, but that does not stop its fight in search of a possible emancipation.

Keywords: Coronelismo. Violence. Patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA CONDIÇÃO FEMININA NA DÉCADA DE 1970.	13
1.1 Aspectos relevantes da revolução feminina	13
1.2 Sexualidade feminina: uma questão também religiosa	17
CAPÍTULO 2: O CORONELISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DOS PRIMÓRDIOS À CONTEMPORANEIDADE	22
2.1 Coronelismo: exercício do poder	22
2.2 Violência contra a mulher: aspectos sociais e culturais	25
CAPÍTULO 3: UMA LEITURA DE “TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA”	30
3.1 A construção do perfil feminino na literatura: “Tereza Batista cansada de guerra” de Jorge Amado	30
3.2 Coronelismo e violência contra a mulher na obra objeto de análise	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, procuramos mostrar algumas considerações sobre o coronelismo e a violência contra mulher na obra “Tereza Batista Cansada de Guerra” de Jorge Amado, discutindo a violência praticada pelo coronel em relação à protagonista da referida obra literária. Analisamos o tipo de mulher que era Tereza relacionando-a com a época em que transcorre a história, e abordando também alguns temas como a escravidão sexual, a submissão/servidão, a diferença sexual entre os gêneros, a agressão, o medo, o sexo, a denúncia social, o sofrimento e o exercício do poder. Jorge Amado possibilita, através do discurso narrativo, um olhar sobre como a figura feminina age nesses espaços, no caso, a região da Bahia, pois como afirma o crítico literário Bosi (1997, p. 166-167) Jorge Amado é um escritor:

[...] populista e/ou revolucionário em algumas obras, chegando ao panfletarismo confesso, ele é, substancialmente, um escritor popular: popular pelos temas, pela linguagem, pelo tom. Aliás, avidamente descritos sempre que a ocasião se lhe enseja e a trama o justifica ou estimula.

Nesse sentido, objetivamos discutir também acerca da situação da mulher no regime do coronelismo e das condições impostas a figura feminina no período em que a obra foi escrita e que a mesma retrata. O fato de a mulher se subordinar ao poder masculino não consiste apenas em um fenômeno antigo, pois em algumas sociedades¹, atualmente essa submissão se acentua ainda mais. Assim, em sociedades nas quais impera o machismo, diminui as chances de a mulher se emancipar e se reconhecer como sendo independente do poder masculino. Pensando especificamente no caso de Tereza Batista, a protagonista da obra objeto de estudo, a condição de mulher, mulata e pobre faz com que essa personagem seja vítima de um sistema de poder que inferioriza o ser feminino e o coloca numa posição subalterna na escala social. Desse modo, objetivamos com este trabalho discutir esses aspectos, tendo como *corpus* o universo ficcional criado por Jorge Amado na obra supracitada.

¹ Como por exemplo, em sociedades muçulmanas, onde as mulheres vivem sob o julgo patriarcal, dominada e gerida por homens, onde é prescrito que façam uso do véu em público. Disponível em <<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/10mostra/5/114.pdf>> Acesso em: 10. Ago. 2013

No tocante à organização estrutural, esta monografia está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo destacamos a contextualização sócio-histórica da condição feminina na década de 1970, enfatizando os aspectos relevantes da revolução feminina e a sexualidade feminina, tentando desmitificar a questão tabu imposta pela religião. No segundo capítulo, abordamos o coronelismo e a violência contra a mulher dos primórdios até a contemporaneidade, levando em consideração os aspectos sociais e culturais. O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta uma breve discussão acerca dos aspectos estilísticos e contextuais de Jorge Amado e da obra estudada, além de uma análise da obra objeto de estudo, destacando os temas analisados, ou seja, o coronelismo e a violência contra a mulher.

Nas considerações finais, estão explicitadas as inferências que nos foi possível chegar após a análise realizada, lembrando que nenhum trabalho pode finalizar um tema, visto que todo tema é caracterizado pela pluralidade de interpretações que lhe são subjacentes, portanto, nunca se esgota, todo e qualquer trabalho realizado no âmbito acadêmico consiste apenas em uma pequena contribuição que se estabelece em torno do objeto de estudo escolhido.

Desta forma, com o referido trabalho, pretendemos apenas contribuir para as discussões que se estabelecem acerca da obra de Jorge Amado, escritor que muito contribuiu para a consolidação da literatura brasileira, tanto em âmbito nacional quanto em relação ao panorama internacional².

² Ao longo das décadas, os livros de Jorge Amado foram traduzidos e editados em mais de cinquenta países. Disponível em <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/07.pdf>> Acesso em: 10. jul. 2013.

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DA CONDIÇÃO FEMININA NA DÉCADA DE 1970

1.1 Aspectos relevantes da revolução feminina

O início do movimento feminista ocorreu no final do século XIX e no limiar do século XX, conforme Pinto (2003, p. 10) “[...] se estende da virada do século XIX para o século XX até 1932, quando as mulheres brasileiras ganharam o direito de votar”. Até então elas eram excluídas de tudo que era público, pois não tinham voz, nem direito ao voto.

Elas denunciavam as sujeições as quais eram submetidas, visto que, já não estavam satisfeitas com o papel que a sociedade esperava, isto é, apenas casar e ter filhos.

O direito das mulheres ao voto foi estabelecido pelo Novo Código Eleitoral³ (Decreto nº 21.076, de 24/02/1932, do chefe do Governo Provisório), expresso nos seguintes artigos:

Art. 2º É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código.

(...)

Art. 121. Os homens maiores de sessenta anos e as mulheres em qualquer idade podem isentar-se de qualquer obrigação ou serviço de natureza eleitoral.

Uma das principais responsáveis pela articulação política que resultou na lei que garantiu as mulheres o direito ao voto foi Bertha Lutz, uma das líderes do movimento feminista no Brasil.

Vivendo em uma sociedade patriarcal, as mulheres sempre enfrentaram um forte machismo, sendo subordinadas ao poder masculino, que “[...] se calcava sobre a exploração das mulheres” (PINTO 2003, p. 36). Com a revolução industrial e as lutas dos movimentos feministas, elas começaram a ganhar espaço na sociedade, contrariando o padrão estabelecido na época.

³ Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=33626>>. _Acesso em: 20. mar. 2013.

O movimento feminista foi marcado por manifestações de grupos de mulheres que reivindicam a igualdade entre gêneros e o reconhecimento da importância da mulher na sociedade.

[...] é um movimento que luta por autonomia em um espaço profundamente marcado pelo político; defende a especificidade da condição de dominação da mulher, numa sociedade em que a condição de dominado é comum a grandes parcelas da população; no qual há diferentes mulheres enfrentando uma gama de problemas diferenciados. (op. cit. idem, p. 46)

Foi por meio do movimento feminista que as mulheres começaram a levantar questões sobre seus papéis, os quais se restringiam apenas na reprodução da espécie. Com isso, elas começaram a ganhar mais espaço no âmbito do trabalho e a viverem de forma mais liberta em relação ao sexo, pois até então eram reprimidas.

No espaço político, as mulheres simplesmente não existiam; não tinham direitos próprios, eram oprimidas por fazer parte do gênero feminino. Não possuíam autonomia nem direito a um trabalho remunerado, ou seja, viviam para cuidar das obrigações do lar, dos filhos e do marido. As poucas que trabalhavam eram desvalorizadas, como esclarece Chauí (2001, p.93):

As mulheres que trabalhavam fora, se não forem (sic) professoras, enfermeiras ou assistentes sociais, são consideradas prostitutas em potencial e as prostitutas, degeneradas, perversas e criminosas, embora, infelizmente, indispensáveis para conservar a santidade da família.

Segundo Duarte (2003), na metade do século XIX, começaram a surgir os primeiros jornais dirigidos por mulheres, considerados pelos críticos como uma imprensa secundária, inconsistente e supérflua, pois se destinava ao segundo sexo.

Um marco importante na história do feminismo foi quando “[...] as americanas lideradas por Beth Friedman tiram (sic) o sutiã em praça pública, um escândalo que até hoje provoca reações iradas. Nascendo assim um novo contexto feminino no mundo ocidental” (PINTO, 2003, p. 42). Esse ato incentivou outras conquistas que foram de fundamental importância para a formação da identidade e da independência

da mulher. Pois, durante os anos 1970 e início de 1980 os grupos feministas e os movimentos populares de mulheres aumentaram, trazendo uma nova representação da mulher brasileira.

No final dos anos 70, as disputas de gênero passaram a ocupar lugares de destaques nos movimentos sociais, quando as mulheres ampliaram sua participação nos debates e na liderança das organizações, reivindicando mudanças na divisão do trabalho doméstico. (SANTOS, 2011, p. 87

Mesmo depois de terem conseguido algum espaço, as mulheres ainda eram discriminadas pelo simples fato de ser mulher, principalmente no ambiente de trabalho. Porém, elas estavam sempre lutando para que seus direitos fossem respeitados; denunciavam as desigualdades através de manifestações nas ruas. “O movimento operário que se organizou nos anos 70 é seguramente o ato mais importante neste cenário. Os movimentos de mulheres constituem a novidade”. (SOUZA-LOBO, 1991, p. 269). Ou seja, fizeram os primeiros protestos contra o regime militar, assim ganharam mais participação na política. Inseridas em diversas lutas, as mulheres se posicionaram contra o silêncio que lhes era imposto, visto que antes seu papel era inquestionável devido à relação de poder, que tinha a posição do homem como dominante.

No Brasil, o feminismo tem se desenvolvido há várias décadas e tem uma profunda ligação com a luta contra a ditadura militar, pois, “[...] grande maioria das militantes feministas dos primórdios do feminismo no Brasil esteve envolvida ou foi simpatizante da luta contra a ditadura no país, tendo algumas delas sido presas, perseguidas e exiladas pelo regime” (PINTO, 2003, p. 45). Devido à classe dominante daquele período ser extremamente machista por se tratar de militares, que não permitia a ascensão das mulheres, visto que as mesmas tinham que seguir um comportamento de acordo com suas normas.

As décadas compreendidas de 1950 a 1970, de acordo com Duarte, (2003, p.165) representaram:

[...] o momento da onda mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal. 1975 torna-se o Ano Internacional da Mulher, logo estendido por todo o decênio (de 1975 a 1985), tal o estado de penúria da condição feminina, e tantas as metas para eliminar a discriminação. Encontros e congressos de mulheres se sucedem cada qual com sua especificidade de reflexão, assim como dezenas de organizações, muitas nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho. O "8 de Março" é finalmente declarado Dia Internacional da Mulher [...].

Em meio à década de 1970, foi criado um espaço internacional para quebrar as barreiras que impediam o avanço das mulheres no mundo, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Já em 1972, aparecem no Brasil os primeiros grupos da ordem feminista e acontece o seminário promovido pelo Conselho Nacional de Mulheres (PINTO, 2003), onde participavam de conferências discutindo diversos temas, passando a “[...] romper seu silêncio, falar de suas angústias e medos e legitimar uma representação feminina num espaço político considerado masculino” (NEVES, 1994, p. 255). Pois, até então, elas não tinham um órgão institucionalizado para atender suas demandas. Tendo em vista que elas se expressavam não apenas através de marchas protestantes, mais também por meio de livros, jornais e outros meios de comunicação.

O movimento feminista foi muito importante, pois contestou a cultura, contribuindo para a construção de uma nova identidade das mulheres, visto que elas tiveram o esforço compensado, conforme esclarece Teles (2003, p.102):

O esforço foi compensado. Foram conquistados direitos históricos: caiu a figura do chefe da sociedade conjugal e foi reconhecida a igualdade de direitos entre mulheres e homens no casamento; a licença-maternidade ampliou-se para 120 dias e a licença-paternidade foi uma conquista inovadora na busca da igualdade de direitos, condições e oportunidades. O aborto não foi criminalizado como queriam representantes religiosos e outros conservadores. A constituição federal de 1988 inovou quando reconheceu a necessidade de o estado coibir a violência ocorrida no âmbito familiar.

As mulheres ganharam autonomia, mesmo enfrentando a resistência de alguns membros da Igreja Católica que se colocaram contra aos movimentos

feministas, principalmente quando se falava em relação ao sexo, direitos reprodutivos e aborto.

Muitas ideias feministas continuam presentes em diversos espaços, visto que as mulheres lutaram e continuam lutando pela igualdade de direitos entre ambos os sexos, deixando de ser apenas donas de casa e mães de família para serem trabalhadoras livres e autônomas. Koss (2000, p. 172) esclarece:

O sucesso do movimento feminista nas últimas décadas tem levado à reavaliação do papel do homem e da mulher na sociedade, no trabalho, nos relacionamentos amorosos, criando cada vez mais espaço para a mulher no mundo e, com ela, para os valores femininos.

É importante destacar a questão da diferença entre os gêneros, levando em consideração as relações de desigualdade e poder estabelecidas entre eles e os papéis sociais que cada um desses sexos assumiu na sociedade ao longo dos tempos. As mulheres estão conquistando cada vez mais o seu espaço, pois, até os dias atuais vivem na luta para se igualar aos homens, na busca de melhores salários, de não serem vistas como inferiores. Segundo Beauvoir (1980), ninguém nasce mulher ou homem, mas “torna-se”, ou seja, somos seres humanos e todos iguais, mas ao nascer, a sociedade rotula o ser feminino como o sexo frágil e incapaz.

1.2 Sexualidade feminina: uma questão também religiosa

Desde os primórdios da civilização, a sexualidade feminina foi considerada um tabu, muitas vezes por questões religiosas, a mulher era vista como pecadora em virtude dos comportamentos relacionados ao sexo, isto é, a sociedade tinha uma concepção fortemente arraigada no que se refere à feminilidade. Nessa perspectiva, Koss (2000, p. 155): esclarece que: “Em sua relação social, a classificação das mulheres passava pelo seu papel na família, a divisão mais básica consistindo em virgens (filhas), esposas e viúvas”.

A sexualidade feminina estava relacionada apenas à reprodução. Complementando essa constatação, Koss afirma (2000, p. 65) “[...] a única função da mulher era procriar [...]”, ou seja, o corpo da mulher tinha meramente a função

biológica de gerar filhos. A sociedade esperava que a mulher reprimisse sua sexualidade, pois ela tinha por obrigação casar, e para casar ela precisava permanecer virgem até o casamento, inclusive esta era uma questão de honra para a família, por isso tinham o máximo de cuidado com as adolescentes.

Com referência a moça donzela, daqueles tempos, era preciso muito cuidado. Um simples beijo podia provocar homicídio, porque a família da moça se considerava ultrajada por desrespeito, e teria assim a honra de ser lavada com sangue. (PONTES, 1979, p. 29)

Dessa forma, qualquer ato que a família da moça considerasse desrespeitoso, o rapaz teria que assumir a moça, ou seja, casar, e se ele não se propusesse a casar seria morto “[...] obrigatoriedade do casamento: ou casa ou morre; e muitos preferiam casar porque era melhor que morrer”. (PONTES, 1979, p. 30).

Os papéis vigentes na sociedade eram o casamento e a maternidade, os quais consistiam em objetivos primordiais para a vida das mulheres. Nesse período, as mulheres não se preocupavam com sua liberdade, pois eram educadas apenas para atender ao que a sociedade exigia.

A mulher ainda não se preocupava com a propalada libertação. Sentia-se orgulhosa de ser simplesmente a “rainha do lar”. Longe estava de sonhar com a evolução dos dias presentes, com a independência feminina, de resto acentuada com as recentes legislações civis que alteraram o regime jurídico da mulher casada. (PONTES, 1979, p. 71).

Portanto, a mulher era objeto de discriminação e medo. Aquela que se propusesse a fazer sexo antes do casamento era desqualificada e discriminada, taxada como prostituta e não merecia casar. “O adultério era uma coisa proibida muito mais pelo propósito de cada um do que mesmo pelas exigências da lei”. (PONTES, 1979, p. 71).

A sociedade se estruturava nos valores e costumes, tendo a religião como o poder dominante que ditava o que era certo e o que era errado através de ideologias que ligava o sexo ao sujo, algo anormal e pecaminoso. As mulheres eram instruídas

para exercerem o papel de filhas, e posteriormente de mães obedientes, respeitadoras do marido, responsáveis pelos filhos e afazeres domésticos.

A marginalização da sexualidade feminina tem raízes firmadas na história. Segundo Góis (1991) *apud* Gozzo *et al* (2000, p. 84): “somos educadas por mulheres, numa sociedade onde a virilidade e o prestígio do macho estão longe de serem apagados”, ou seja, as mulheres educam e são educadas desde criança com base em uma sociedade patriarcal, onde o poder masculino é mais forte que o feminino. O homem tinha o direito de desvendar o corpo da mulher, tendo-a como sua propriedade para se satisfazer sexualmente, uma vez que à mulher não era permitido sentir prazer.

É a partir dessa concepção de propriedade que se estabelecem coisas absurdas. Por exemplo, entre as funções da mulher casada está a de ter relações sexuais com seu marido quando ele as desejar, independente de ela as desejar. Submeter-se a uma relação sexual sem vontade é a mesma coisa que sofrer um estupro, mas não é **legalmente** a mesma coisa (VERARDO, 2000, p. 20).

É importante ressaltar que essa relação era discriminatória, ou seja, a vida sexual da mulher estava atrelada aos caprichos de seu parceiro, não eram respeitados seus próprios desejos e vontades. Porém, com suas lutas conseguiram mudar esse panorama, no entanto essas mudanças não foram conseguidas com facilidade, pois se tratava da quebra de paradigmas e princípios que regiam a sociedade, isto é, as mulheres eram educadas para servir e não sentir.

É claro que, na virada do milênio, esta situação já se transformou muito e não apenas no que tange ao comportamento externo. Mas certamente ainda tem sua força no imaginário e nas crenças que determinam nossas expectativas e julgamentos a respeito do que seja a ‘natureza’ feminina e o papel da mulher, e as qualidades complementares que atribuímos ao masculino e ao papel do homem, dificultando a relação entre mulheres e homens. (KOSS, 2000, p. 171)

No início do século XX, a sexualidade feminina passou a ser discutida com veemência, inclusive nos meios acadêmicos, possibilitando a produção de diversos discursos. Com o desenvolvimento do saber científico, diversas mudanças aconteceram, fato esse que intensificou os discursos sobre a sexualidade, como os

aspectos genitais, seus pontos eróticos, as técnicas sexuais, dentre outras. Considerando que até então, não se abordavam determinados assuntos, tais como: virgindade, menstruação etc., os quais eram considerados muito íntimos e deveriam ser restritos a esfera privada, mas como a sexualidade consiste em um tema vinculado ao processo de construção social, cultural e histórica, atualmente é um assunto que suscita discussões bastante amplas em todos os veículos de comunicação, atingindo até mesmo certa banalização.

Nas últimas décadas, a intimidade se tornou pública e devassada, ou seja, são expostas as vivências sexuais de forma bastante apelativa, algo que anteriormente era privado.

Os elementos conservadores da sociedade concluem que é imprescindível voltar aos felizes tempos passados, restabelecer os velhos costumes familiares, dar novo impulso às normas tradicionais da moral sexual. “É preciso destruir todas as proibições hipócritas prescritas pelo código da moral sexual corrente. É chegada o momento de se abandonar esta velharia inútil e incômoda... A consciência individual, a vontade individual de cada ser é o único legislador em uma questão de caráter tão íntimo” (KOLONTAI, 2011, p. 44).

As mudanças se devem também ao surgimento da pílula anticoncepcional, que possibilitou a mulher o direito de escolher o número de filhos, ter relações sexuais quando quisesse, sem se preocupar com gravidez, “O advento da pílula assegurou às mulheres o direito à atividade sexual desvinculado da procriação, tendo como corolário a separação entre sexo e casamento.” (KOSS, 2000, p. 171-172). Assim, o corpo da mulher passou a ser reconhecido como um instrumento de prazer, veículo naturalmente de várias práticas que antes eram encobertas, condenadas, e silenciadas.

Hoje em dia a ‘sexualidade’ tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós ‘tem’, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas pré-estabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais (GIDDENS 1993, p. 25).

A sexualidade feminina passou por um processo de transformação. Atualmente consiste em um assunto bastante abrangente, tornando-se algo mais expressivo, livre e natural, em contraposição ao que antes era preestabelecido, pois, os religiosos interpretavam os discursos das igrejas e reproduziam o mesmo. Algumas igrejas repudiavam práticas como, por exemplo, o uso da camisinha, o aborto, etc.

Magalhães e Silva (2008, p.162) afirmam que “Nunca a sexualidade foi pensada de forma tão diversa, mas também nunca a religião foi vivida e interpretada de forma tão diversa.” Atualmente, temos presenciado, concomitantemente com a liberação sexual, uma grande proliferação de igrejas em várias regiões do país, o que comprova que as contradições da pós-modernidade, ou seja, uma sociedade muito liberada sexualmente, mas ao mesmo tempo permeada por um grande vazio existencial, a procura de regras, de leis que regulem o seu comportamento.

Por outro lado, percebemos o aumento do número de pessoas que assumem suas relações sem normas tradicionais, exercendo sua sexualidade fora dos padrões de ensinamento, ou seja, do preceito certo e errado, estabelecidos pelas instituições religiosas e sociais.

CAPÍTULO 2: O CORONELISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DOS PRIMORDIOS À CONTEMPORANEIDADE

2.1 Coronelismo: exercício do poder

Teoricamente, o coronelismo vigorou no Brasil na segunda metade do século XIX até o começo do século XX. Entendido como um sistema político que segundo Leal (2012, p. 231) “[...] é dominado por uma relação de compromisso entre o poder privado decadente e o poder público fortalecido” que tem como características “[...] o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais” (idem, p. 44), ou seja, uma relação de autoridade constituída por interesses de fazendeiros, intitulados coronéis.

A denominação de coronel era concedida aos grandes proprietários de terra, como afirma Falcón (2010, p. 83) “[...] ser coronel significava controlar um reduto eleitoral expressivo, deter alguma riqueza e/ ou influência, condição elementar para participação no sistema oligárquico [...]”. Símbolo de autoritarismo e impunidade, pois a política era controlada e comandada pelos coronéis/fazendeiros ricos: “O coronel quase sempre era um grande proprietário rural, derivando seu poder político dessa privilegiada situação econômica” (idem, p. 32). Os coronéis, pertencentes à classe social dominante usufruíam dessa vantagem e, conseqüentemente, tiravam proveito do sistema eleitoral, o qual possibilitava influência recíproca, visto que consistia em um:

[...] sistema de reciprocidade: de um lado, os chefes municipais e os “coronéis”, que conduzem magotes de eleitores como quem toca tropa de burros; de outro lado, a situação política dominante no Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial, que possui, em suma, o cofre das graças e o poder da desgraça (LEAL, 2012, p. 63).

Ao longo da República Velha, o sistema eleitoral era bastante frágil e fácil de manipular⁴, com isso os coronéis compravam votos para seus candidatos, através de trocas de favores e da doação de bens materiais, como por exemplo, óculos, alimentos, materiais de construção, etc. Segundo Falcón (2010, p. 33):

⁴ A fragilidade e a facilidade de manipulação do sistema eleitoral brasileiro não foram marcantes apenas no período da República Velha, mas se perpetuou por muitos anos.

[...] o coronel comandava um lote não desprezível de votos. Esta força eleitoral, “empresta-lhe prestígio político. Dentro de esfera própria de influência, o coronel resumia em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais”, revestindo sua posição dominante da “imparcialidade” do juiz, da força da violência policial, do apadrinhamento do amigo, do respeito de uma autoridade constituída, etc.

Os coronéis designavam seus capangas para os locais de votação, objetivando causar intimidação aos eleitores e assim ganhar votos, ficando conhecida essa atividade como voto de cabresto, conforme salientam Vilaça e Albuquerque (2006, p. 60-61):

O domínio do coronel sobre o seu colégio eleitoral foi, com efeito, na fase áurea de seu poder político, absoluto. Ele escolhia entre amigos e parentes – filhos, genros, sobrinhos – os candidatos a postos eletivos municipais: a prefeito, vereador, subprefeito, juiz de paz. Indicava, não raro, candidatos seus a deputado estadual e mesmo a deputado federal. [...] Para conseguir seus objetivos político-eleitorais, era capaz das maiores fraudes, muitas vezes acolhidas ou acobertadas por juizes e mesários submissos.

A influência política dos donos de terras era de certa forma escravagista, devido à maioria dos eleitores serem dependentes, por serem empregados das grandes fazendas, formando assim os rebanhos eleitorais, que faziam parte dos famosos currais eleitorais.

Os desmandos eram frequentes, alteração de votos, desaparecimento de urnas, assim como a prática do voto fantasma, que consistia em utilizar nomes de falecidos nas eleições através de falsificação de documentos. Prática esta, que ainda hoje se perpetua em determinadas regiões brasileiras.

Na conduta coronelista, marcada pelo machismo e pelo autoritarismo, os coronéis usavam de seu poder e influência para atingirem seus objetivos, muitas vezes as margens da lei, nesse sentido Falcón (2010, p. 80) sublinha que: “[...] o mandonismo permeava as mais diversas instâncias da vida municipal, mostrando-se presente em quase todas as manifestações sociais. Não seria exagero afirmar que os coronéis possuíam poder de vida e de morte sobre a sociedade.” Ou seja, faziam valer seus interesses através da força, provocando rixas e desavenças.

A violência consistia a retaguarda fundamental para inúmeras incorporações ilícitas de glebas, muitas vezes maquinadas pelo próprio aparelho judiciário e firmemente cumpridas pela imposição da força. Era também elemento indispensável nas desordens, perseguições e assassinatos que floresciam nos sucessivos períodos eleitorais. Os jagunços fechavam seções, asseguravam as falsificações de atas, resguardavam as lideranças políticas das facções. Enfim, viabilizavam pelo uso da força a atividade política coronelística, meio pelo qual se organiza o poder municipal. (FALCÓN, 2010, p. 80).

A violência dos coronéis descrita por Falcón (2010) não se resumia apenas ao poder político, pois a brutalidade e o machismo faziam parte da identidade deles, os quais tratavam suas mulheres e filhas, na maioria das vezes, como se fossem simples empregadas, demonstrando também, ter todo o poder sobre seus agregados, podendo surrâ-los e até matá-los quando assim julgasse necessário, decidindo a vida de todos a sua volta.

Vilaça e Albuquerque (2006, p. 58-59) descrevem a conduta dos coronéis em relação às mulheres:

O coronel, como chefe em sistema social assim caracterizado, deve ser homem macho. [...] macho para com as fêmeas, mulheres suas – muitas vezes, mais de uma ao mesmo tempo –, que lhe deixam prole de filhos tanto legítima quanto ilegítima; macho também pela brabeza: brabeza de matar, de mandar matar, dar surras; valentia para desafiar cangaceiros ou mesmo a polícia.

Podemos perceber o tratamento distante que os coronéis destinavam as suas mulheres, funcionava como se elas fossem objetos, que servissem apenas para cuidar dos afazeres domésticos, para fazer filhos e satisfazê-los na cama. Prática que persiste até os dias atuais, uma vez que ainda existem marcas desse mandonismo e machismo presentes em todos os setores da sociedade, ou seja, o coronelismo ainda continua vivo e sendo responsável por grande parte das vitórias eleitorais em alguns municípios, visto que a prática da troca de votos por empregos ainda é frequente.

2.2 Violência contra a mulher: aspectos sociais e culturais

A violência contra a mulher é assim denominada por se tratar de um ato de violência contra uma pessoa do sexo feminino, podendo também ser conhecida como violência de gênero. Teles (2003, p.19) afirma que “A violência de gênero⁵ pode ser entendida como “violência contra mulher”, expressão trazida à tona pelo movimento feminista nos anos 70, por ser esta o alvo principal da violência de gênero.” Visto como um dilema que tem marcado decisivamente a vida de muitas mulheres. A violência de gênero originou-se na ideologia patriarcal e na discriminação histórica contra a mulher.

A questão da violência contra a mulher foi sempre tratada no Brasil como um tema tabu, restrito à esfera privada. A posição do homem como portador do direito de vida ou morte sobre aqueles sob o seu teto tem raízes na casa-grande escravocrata. A mulher naquela situação era frequentemente objeto de estupro. Ou era a mulher branca, que se submetia ao homem por ser este seu dever de esposa para reproduzir a prole, ou era a mulher negra, objeto de desejo do homem branco que se permitia com ela prazeres não permitidos na casa-grande. A não-submissão dessas mulheres ao poder do homem justificava a violência. Somava-se a esse poder de mando a moral católica e sexista que reinava no país e que constituía as mulheres como sujeitos submissos e castos desde a mais tenra idade, estabelecendo esse como o único padrão aceitável de feminidade. (PINTO, 2003, p. 80).

Nesse período, o fato de a mulher se submeter ao homem era algo natural e obrigatório por se tratar de uma questão até mesmo religiosa, pois o sexo masculino tinha o poder de controlar, sendo o homem considerado um “deus”, a quem a mulher devia total obediência, sendo o alvo principal de repreensão, sofrendo atos de violência. Teles (2003, p. 18) conceitua essa violência “[...] como uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher”. Fenômeno antigo, silenciado ao longo da história, por uma sociedade onde a ideologia patriarcal ainda predomina.

⁵ O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007).

Não são as diferenças biológicas entre homens e mulheres que determinam o emprego da violência. São os papéis sociais impostos a mulheres e homens, reforçados por culturas patriarcais que estabelecem relações de dominação e violência entre os sexos. (op. Cit., idem, p.114).

A mulher, ao longo da história, foi e, ainda hoje, continua sendo vítima da violência doméstica ou familiar, ou seja, agredida no local onde deve ou deveria predominar relações de afeto e respeito, porém sabemos que o ambiente familiar não é o único lugar que acontece essa violência.

Geralmente os atos violentos são praticados por membros da família, como por exemplo, marido, filho, namorado, o que Caravantes (2000) *apud* Silva (2007, p. 96) denomina violência intrafamiliar, a qual “[...] pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que resulte em dano físico, sexual, emocional, social ou patrimonial de um ser humano, onde exista vínculo familiar e íntimo entre a vítima e seu agressor”.

A questão da violência contra a mulher foi estabelecida desde os primórdios da humanidade, podendo ser considerada, segundo Teles (2003, p. 114) como “[...] uma doença social, provocada por uma sociedade que privilegia as relações patriarcais, marcadas pela dominação do sexo masculino sobre o feminino”. Entretanto, essa questão só veio a ser discutida nos dias atuais, visto que na antiguidade tudo era silenciado, a mulher se submetia a vários tipos de agressões e não denunciava seus agressores, pois era submissa e condicionada a adotar uma postura obediente em relação aos seus pais e, posteriormente ao marido. Conforme especifica Vellasco (2007, p. 15):

[...] as mulheres, quando agredidas no ambiente particular, sofriam caladas, não pediam ajuda. Ainda assim, é difícil a mulher vítima colocar termo na situação de violência, quer por vergonha, quer por pressão da família, quer por dependência financeira ou dependência emocional, quer para preservar a própria família.

Devido a tais situações a mulher se sujeitava a comportar-se de forma dócil, se submetendo muitas vezes a dividir o mesmo espaço com seu próprio inimigo. De acordo com Teles (2003, p.33) “No Brasil, até 1830, os homens podiam matar as

mulheres adúlteras. Naquela época, havia um dispositivo legal que permitia aos maridos “emendar a mulher das más manhas pelo uso de chibatas”. Ou seja, os homens detinham o poder. Como afirma Pinto (2003, p.82) “Até poucos anos atrás, a violência contra a mulher não era reconhecida como tal, dizia respeito apenas a cada homem”. Entretanto, essa questão veio à tona e passou a ser repudiada com as manifestações feministas.

A prática de violência de gênero vem sendo transmitida de geração para geração, por estar na cultura de nossa sociedade. É comum nos dias atuais ainda ouvirmos tal frase que a mulher gosta de apanhar, essa ideologia machista vem sendo praticada desde primórdios da nossa história. Segundo Teles (2003, p.25):

A violência de gênero é praticada pelo homem para dominar a mulher, e não eliminá-la fisicamente. A intenção masculina é possuí-la, é tê-la como sua propriedade, determinar o que ela deve desejar, pensar, vestir. Ele quer tê-la sob seu controle e ela deve desejar somente a ele próprio.

A intenção de muitos homens é ter a mulher como sua propriedade, como sua serva fazendo suas vontades, no entanto essa subordinação envolve tanto o ambiente familiar como o social, pois, a mulher sempre foi vista como um ser inferior, que deve obedecer à supremacia masculina, ou seja, o homem insere-se numa posição superior, a quem a mulher deve submeter-se, uma vez que as que se comportavam de forma contrária eram sujeitas a atos de violência.

A violência de gênero se apresenta como uma forma mais extensa e se generalizou como uma expressão utilizada para fazer referência aos diversos atos praticados contra as mulheres como forma de submetê-las a sofrimento físico, sexual e psicológico, aí incluídas as diversas formas de ameaças, não só no âmbito intrafamiliar, mas também abrangendo a sua participação social em geral, com ênfase para as suas relações de trabalho, caracterizando-se principalmente pela imposição ou pretensão de imposição de uma subordinação e controle do gênero masculino sobre o feminino. A violência de gênero se apresenta, assim, como um “gênero”, do qual as demais, são espécies. (SOUZA 2007, p. 35)

É importante ressaltar que essa violência pode ser física, sexual e/ou psicológica. Desse modo, a violência física é uma das principais manifestações contra

a mulher, pois é a mais corriqueira e pode culminar em tentativas de homicídio, afetando em muitas a saúde mental, provocando um estado de depressão e pânico, chegando até mesmo a suicídio, o que se denomina de violência psicológica.

A violência sexual, a mais cruel de todas, pois, no abuso sexual, o corpo da vítima é possuído, manipulado a fazer práticas sexuais sem seu consentimento, ou seja, a pessoa é obrigada a fazer tudo que o agressor desejar a base da força, ficando conhecido tal ato como estupro. Como acontece na obra “Tereza Batista Cansada de Guerra”, na qual a personagem principal é abusada sexualmente. De acordo com Verardo (2000, p.18):

[...] o estupro é uma relação de gênero, ou seja, os papéis do sexo masculino- força, poder, dominação, entre outros- estão explicitados quando se obriga o outro, identificando com o papel feminino- obdiente e submisso -, a realizar a sua vontade.

Esse tipo de violência é o que mais afeta o psicológico da mulher, pois quem sofre o estupro, na maioria das vezes não tem coragem de denunciar seu agressor permanecendo calada por medo.

Diante de tais atos de violência, o poder público foi pressionado pela sociedade, principalmente pelas organizações que lutam pelos direitos da mulher e não admitem mais a posição feminina representada por um modelo patriarcal, sendo necessária a criação da “Lei 11.340/200 denominada Lei Maria da Penha, que tem por escopo coibir e punir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (VELLASCO 2007, p. 51) que proporcionou um avanço em vigor à proteção a mulher.

Em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, em 07 de agosto de 2006, com a presença de várias autoridades e de Maria da Penha Maia Fernandes, promulgou a Lei 11.340/2006. Em justíssima homenagem à luta pela justiça de Maria da Penha Maia Fernandes, que ficou marcada para sempre física e psicologicamente pela violência sofrida, mas teve força e coragem para lutar contra a violência doméstica, a lei foi denominada ‘Maria da Penha’. A lei entrou em vigor em 22 de setembro de 2006. (op. Cit., idem, p.42)

A referida lei recebeu esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, por ter sido vítima da violência praticada por seu ex-marido, que tentou assassiná-la por duas vezes, primeiro atirou contra ela, e na segunda tentou eletrocutá-la, por conta das agressões sofridas ela ficou paraplégica, contudo ela sobreviveu. Nove anos depois seu agressor foi condenado, ou seja, houve um retardamento da justiça, por sorte ela não perdeu a vida, a homenagem faz jus à mulher guerreira que foi Maria da Penha.

A lei é uma necessidade que a violência exige, para que as pessoas possam compreender que tais atos criminosos não devem ficar impunes, que devem ser denunciados, para que assim possa ser tomados as providencias cabíveis.

Com a lei em vigor verificamos um aumento nos números de denúncias de agressões e violências sexuais, pois de certa forma as mulheres sentem-se mais seguras para se pronunciar diante de tais fatalidades. No entanto, muitas delas ainda são silenciadas por seus agressores que as ameaçam, e as intimidam, muitas vezes com juras de morte.

Podemos dizer que em certos casos, tais situações podem favorecer as práticas da violência contra a mulher, principalmente no lar, como: o desemprego, o alcoolismo, mudança no padrão de autoridade paterna, e pelo fato de a mulher não aceitar ser dominada, entre outros.

Por fim, a violência contra a mulher é um fenômeno social e cultural existente em grande proporção em todo o mundo. Mas, é preciso repensar os papeis sociais em relação ao sexo masculino e feminino no que se refere à desigualdade, e livrar-se das marcas de subordinação das mulheres em relação aos homens, que ainda se acham no direito de tornar obrigatórias as normas de condutas às mulheres, usufruindo da força e praticando atos de violência.

CAPÍTULO 3: UMA LEITURA DE “TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA”

3.1 A construção do perfil feminino na literatura: “Tereza Batista Cansada de Guerra” de Jorge Amado

Jorge Amado de Faria⁶ nasceu dia 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Ferradas no município de Itabuna, Bahia. Filho do coronel João Amado de Faria e Eulália Leal Amado. Com um ano de idade, mudou-se com sua família para Ilhéus também na Bahia, na qual cursou o primário e passou maior parte de sua infância, concluindo o secundário em Salvador. Por volta de 1931, se formou em Bacharel em Direito, porém não chegou a exercer a profissão. No mesmo período publicou sua primeira obra literária “O país do carnaval”. Em seguida, tornou-se jornalista e se engajou na política ideológica contra o Estado Novo. Vivendo exilado na Argentina de 1941 a 1942. Em 1945, voltou do exílio sendo eleito para Deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Tendo esse partido cassado em 1947, sendo necessário se exilar novamente, desta vez na França, EUA, URSS, etc. Após seis anos exilado, Jorge Amado retornou ao Brasil, sendo nomeado para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1961. Chegando a falecer prestes a completar 89 anos em Salvador dia 05 de Agosto de 2001.

Jorge Amado é um dos escritores brasileiros mais conhecidos internacionalmente, publicou romances, livros de memórias, biografias; histórias infantis e uma infinidade de outros trabalhos, entre contos, crônicas e poesias. Várias obras literárias suas foram traduzidas para diversos idiomas, como também exemplares em braile e em fitas gravadas para cegos, bem como adaptação dessas obras para cinema, rádio, teatro e televisão, não apenas no Brasil, mas também em outros países. Inclusive a obra objeto de estudo foi adaptada para televisão em forma de minissérie e exibida na rede Globo em 1992⁷. Jorge Amado tornou-se o romancista brasileiro mais traduzido e reconhecido de todos os tempos, o que lhe concedeu vários prêmios, tanto no panorama mundial quanto nacional.

As obras de Jorge Amado abordam várias temáticas, sendo o conteúdo político e a denúncia social umas das características mais marcantes em seus livros.

⁶ As informações acerca do autor estão disponíveis em: AMADO, Jorge. Seleção de textos, notas, estudos histórico e crítico por Álvaro Cardoso Gomes e Sonia Regina Rodrigues Neves. – 3ª ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1990. – (Literatura comentada).

⁷ O romance foi adaptado para a televisão por Vicente Sesso. A minissérie foi exibida pela rede Globo em 1992. Disponível em <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12590>> Acesso em: 12. Ago. 2013

Cronologicamente, o autor está inserido na segunda geração do modernismo, geração esta que ficou conhecida como “Regionalismo de 1930”, utilizando em suas obras um estilo próprio, uma linguagem simples e popular. Amado “[...] assume uma posição empírica diante das coisas. Deixa de ditar normas e decide captar sentido, significados e valores por meio dos seus personagens”, (MATTA, 1983, p. 16). Mostrando uma experiência comum, a vida social do povo brasileiro, em especial, a cultura e a identidade do povo baiano, ou seja, Jorge Amado defende uma literatura ligada ao povo e a terra, pois vivia misturado com o povo, e através desse contato extraia seus personagens “O vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação de cada romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende dos limites do criador” (CANDIDO, 2011, p. 68). Jorge dimensionava o real que envolvia as pessoas, o sentimento dos seres imperfeitos, de pessoas normais, ou seja, mostrava o real da sociedade, desnudando as desigualdades sociais existentes.

Em relação a Jorge Amado, bem como as suas obras, Vilas Boas (2005, p. 4) afirma:

A obra de Jorge Amado nunca excitou a academia. Mas a maioria dos poucos ensaios críticos foi implacável. Argumentou-se que personagens de Jorge - coronéis desumanos, negros viris, brancos arrivistas, proletários utópicos, especuladores, biscateiros, prostitutas beatíficas, cafetões manipuláveis, etc. - eram caricaturais, estereotipados e psicologicamente vazios; que seus enredos eram melodramáticos, com soluções sobrenaturais (às vezes embebidas em sincretismo religioso) para conflitos sociais concretos; que o conteúdo era panfletário, machista e folclórico; que sua linguagem popularesca negava a literatura como arte; que imperava a pornografia gratuita, quase perversa; que o pano de fundo socialista era, na verdade, populista, pois acreditava que tudo o que vem do povo é necessariamente bom.

Entretanto, Jorge Amado produziu uma literatura representativa, em especial na zona cacauzeira, espelhando-se no social da época, nos mostrando sua face e cenário no qual produziu suas obras, ou seja, a sociedade em que viveu, seus personagens caracterizam a sua literatura de vida que segundo Araújo (2008, p. 74), opondo-se a visão de Vilas Boas, afirma:

Longe do vazio e do artifício, o romance em Jorge Leal Amado de Faria assinala-se, todo o tempo, pela plenitude e transparência. É o nosso romancista herdeiro de macrocosmos mistos de Zola e Balzac, explorando matizes da síntese psicológica dos aglomerados urbanos em compósitos de ópera-bufo e drama, farsa e comédia–pastelão, melopéia e melodrama. Ponto de interrogações inquiridoras simplificadas nas teorizações psicológicas, espécie de Balzac sem Flaubert ou Alencar sem Machado Jorge Amado faz suas personagens vivenciarem os múltiplos chamamentos da vida anímica e participante, convocados a viver a vida e não a falarem sobre ela.

Percebemos que a afirmação de Araújo se confirma na obra em análise, pois Tereza, protagonista do romance, é uma mulher representada de forma realista, que passa por muito sofrimento, miséria e violência, tanto física, sexual quanto psicológica, e que por consequência da vida chega a se tornar prostituta, mas mesmo assim encara a prostituição como forma de sobrevivência, negando e revertendo ideologicamente os propósitos de mulher.

Jorge Amado construiu vários perfis femininos, e em cada um deles descreve uma mulher com uma moral diferente, mostrando o sofrimento pela sobrevivência, muitas vezes o desrespeito dos homens, a vontade de viver e de amar, e a liberdade com que suas personagens se entregam ao prazer da carne.

Os perfis femininos de Jorge Amado podem ser citados *Tieta do Agreste*, *Gabriela Cravo e Canela*, *Dona Flor e seus dois maridos* entre eles *Tereza Batista Cansada de Guerra*, que foi escrita no ano de 1972, que conta a história da luta de uma mulher que mesmo diante de uma sociedade patriarcal e de tanto sofrimento, ampliou o seu espaço mostrando ser uma guerreira.

Nessa obra, a personagem protagonista, Tereza, conheceu a miséria e hostilidade do mundo quando ainda era criança, primeiro pela orfandade e depois quando é vendida pela tia ao fazendeiro Justiniano Duarte da Rosa, que a estuprou.

Por volta dos oito anos, Tereza fica órfã de pai e mãe em um desastre de marinete e, por causa dessa fatalidade, passou a morar em um casebre com a tia Felipa e Rosalvo o qual era marido de Felipa e sentia desejos sexuais sobre a menina Tereza, chegando a planejar a morte da esposa para poder ficar com a menina, porém nunca a tinha procurado, estava esperando ela ficar mais madura, pois ainda era uma criança. Nesse período, Tereza viveu de ajudar a tia no roçado e nos afazeres domésticos e a brincar com seu cachorro vira-lata.

Mesmo Tereza desprovida de qualquer malícia ou desejo sexual, acabou despertando no “pedófilo”⁸ Justiniano Duarte da Rosa, o desejo sexual. Justiniano, o temido capitão, velho rico, valente, conhecido como “desbravador de cabaços”⁹, ou seja, ele tinha preferências por meninas mais novas em especial, menores de quinze anos. Quando ele sentia desejos por uma menina, ele estuprava e ninguém se opunha por medo.

Inclusive, o coronel possuía um colar de argolas de ouro e para cada criança que ele estuprava acrescentava uma nova argola de ouro em seu colar, estava sempre comprando meninas virgens.

O capitão começou a visitar a casa de Felipa, ela atenta aos olhares do pedófilo sobre a menina, nos quais estavam evidentes as pretensões do coronel. E percebendo também as intenções do marido em relação à sobrinha, com medo que pudesse acontecer o pior, ou seja, o capitão¹⁰ ou o marido deitar com a menina, sem nada em troca, sem respaldo financeiro. Portanto, ela resolveu falar de negócios com o capitão, colocando Tereza a venda, mesmo após certo tempo em convivência. A menina prestes a completar os 13 anos de idade, foi vendida pela a tia ao coronel por “[...] um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa [...]” (AMADO 1984 p.68). Ele a compra simplesmente para saciar, como de costume, seus desejos sexuais. Entretanto, com Tereza Batista, por não ter se entregado facilmente, resistindo e desafiando fortemente o coronel por um período de quase dois meses, fazendo com que aumentasse ainda mais o desejo sexual de Justiniano, pois, ele gostava das meninas que eram mais resistentes, e também por ter sido a mais cara de todas, ele agiu diferentemente das demais, resolvendo deixá-la em sua companhia, pois com as outras ele estuprava e depois abandonava e muitas passavam a exercer a profissão de prostituta desde muito cedo.

No período de convivência com o capitão, Tereza passou a ser escrava sexual dele, pois, “os assuntos de cama e sexo significava para Tereza apenas dor, sangue, sujeira, amargura, servidão.” (AMADO, 1984, p. 123), ou seja, ela não sentia prazer, o único sentimento de Tereza em relação ao capitão era de medo, pois, desde a primeira noite, em virtude da resistência de Tereza, o coronel a espancava, com

⁸ Sempre que aparecer as aspas significa expressões da obra. “Pedófilo” Significa “o que gosta de crianças”. Na prática, porém, o termo expressa aquele que tem atração sexual por crianças, quem sente a impulsão da pedofilia e/ou a pratica. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/ped%C3%B3filo/>> Acesso em: 12. Ago. 2013.

⁹ Adotamos neste trabalho a mesma denominação adotada por Jorge Amado, pois é dessa forma que o coronel Justiniano é caracterizado na obra.

¹⁰ Na obra em estudo, Justiniano é denominado em alguns momentos como **coronel** e em outros como **capitão**.

uma “taca de couro cru”. Cada vez que o capitão a possuiu foi na base do espancamento, cada inovação sexual custou tempo e violência, ensinando-a a sentir medo a partir do momento que ele começa a queimá-la com um ferro de engomar.

Foi nesse mesmo período que ele descobriu que ela sabia ler e escrever e a colocou para trabalhar no armazém, sendo assim Tereza além de escrava sexual também passou a ser mais uma criada do coronel.

Após dois anos de martírio na casa do coronel, Tereza, com idade de quinze anos, conheceu o jovem Daniel que foi da capital passar férias no interior da Bahia e visitar parentes. Daniel, estudante de direito, rapaz bonito e sedutor, seduziu várias mulheres na cidade, entre elas Tereza Batista. Apaixonada por Daniel, Tereza cometeu adultério passando a se encontrar com ele e, pela primeira vez ela sentiu amor e prazer sexual antes reprimido. Após exatamente oito noites de encontros às escondidas, o casal foi flagrado pelo coronel que os agrediu e ameaçou os dois de morte. Tereza com medo de morrer e em defesa do seu amado Daniel sangrou o capitão com uma faca.

Devido o assassinato, mesmo Tereza menor de idade¹¹, foi julgada e condenada à prisão. E Daniel aquele que ela defendeu das mãos do capitão, a acusou de tê-lo incitado a deitar-se com ela, jurando não existir entre ela e o capitão qualquer tipo de relação sexual, sendo ela apenas uma criada. Tereza sabendo dessa acusação de seu grande amor passou a não acreditar mais em ninguém e a concebê-lo como um ser mais asqueroso do que o coronel.

Sabendo da prisão, o usineiro Dr. Emiliano Guedes, um senhor de 64 anos, casado, rico e que havia conhecido Tereza quando ainda era escravizada pelo capitão, mandou o seu advogado Lulu Santos tirá-la da cadeia e colocá-la em um lugar seguro, até sua chegada. Assim, a jovem foi internada em um convento, no entanto, por não confiar mais em ninguém e estar sendo induzida pela cafetina Gaby, ela fugiu do convento direto para o prostíbulo de Gaby. Meses depois ela foi resgatada do bordel pelo Dr. Emiliano, o qual montou uma casa para ela na cidade de Estância, desta forma, Tereza passou a ser sua amásia por um período de seis anos, entre os quais viveu momentos felizes e tristes.

¹¹ Segundo o estatuto da criança e do adolescente Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Disponível <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 12. Ago. 2013.

Entretanto, é preciso lembrar que o momento mais difícil que marcou Tereza, foi quando ela engravidou do usineiro e o mesmo mandou escolher entre ele e a criança, pois, ele não queria filho na rua, ou seja, fora do casamento, Tereza optou pelo aborto, colocou o amor de mulher acima do amor de mãe. De súbito, o Dr. Emiliano morreu em pleno ato sexual com Tereza. Com a morte de Emiliano, Tereza desamparada, se sentindo só, não restou outra saída a não ser ingressar novamente na vida de prostituta agora como dançarina de cabaré.

Na sua estreia no bordel, Tereza presenciou uma briga entre um casal, ouvindo a seguinte frase que em tempos distantes foi pronunciada pelo capitão “aprenda a me respeitar, cadela”, lembrou do tempo em que vivia sendo espancada e açoitada na casa do coronel. Tereza se envolveu na briga, e em meio a esta ela vê a presença de um caboclo o qual se chamava Januário Jereba, “homem forte musculoso, queimado do sol”, no decorrer da briga, com a chegada da polícia as luzes se apagaram, em meio à confusão Januário afastou Tereza, levando-a para fora do bordel. Tereza ficou perdidamente apaixonada pelo baiano Januário, amor à primeira vista, no entanto ele era casado e estava em Sergipe apenas de passagem. Entretanto, Januário disse a Tereza que desde o momento que a viu furiosa em meio à briga, caiu de amores por ela. Tereza com medo de nunca mais o ver humilhou-se a ele para que o mesmo tivesse relações sexuais com ela. De início, Januário recusou por ele não ser um homem livre e por sua esposa se encontrar muito doente. Com a insistência de Tereza ele sujeitou-se as vontades sexuais de ambos.

Dias depois, ele partiu para a Bahia, deixando Tereza com esperança de um dia vê-lo, já que o mesmo prometeu que um dia voltaria. Após a partida de Januário, Tereza, desiludida, recebeu um convite do Dr. Oto Espinheira para uma excursão no interior de Sergipe no município de Buquim. Ela aceitou o convite mesmo sem sentir nada por ele. Quatro dias após a chegada do casal em Buquim, o que era pra ser uma excursão tornou-se para Tereza uma grande batalha entre ela e a epidemia de varíola¹². Temendo o contágio, o doutor Oto e sua enfermeira fugiram do município deixando os doentes sem cuidados. No entanto, Tereza assumiu com o auxílio das prostitutas do local, o comando no combate contra a doença.

Com o fim da bexiga negra (epidemia de varíola), Tereza partiu para o estado da Bahia com esperança de encontrar seu amado Januário, fixou-se na capital

¹² Varíola: s.f. Medicina. Doença contagiosa que, causada por vírus, pode causar febre, dores, vômitos e lesões na pele. Sinônimo de varíola: bexiga. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/variola/> > Acesso em: 24. Set. 2013

Salvador novamente como prostituta. Durante mais de um mês Tereza procurou Januário. Dias depois ela descobre que a esposa de Januário havia falecido e que ele havia viajado para Aracaju a procura de Tereza. No entanto chegando a Aracaju foi informado que Tereza havia falecido após lutar contra a varíola. Diante dessa falsa notícia da morte de Tereza Januário voltou para Bahia.

Nesse período de espera por Januário chegou à cidade uma gigantesca firma arquitetônica, com o projeto de construir no centro da cidade lojas, restaurantes, hotéis, supermercados etc. E para isso seria necessária a mudança dos cabarés, para locais mais distantes e discretos. As autoridades responsáveis decidiram transferir as mulheres da vida do centro para o subúrbio. As mulheres lideradas por Tereza decidiram não sair, resistiram e desafiaram as autoridades. Os policiais agiram com violência invadiram os bordéis, espancaram as mulheres, até serem rendidas e mandadas para cadeia com exceção de Tereza. Elas se reuniram e resolveram fazer a greve do balaio fechado, que se resumia em elas não exercerem a profissão de prostitutas, em protesto contra a ordem de mudança e a soltura de suas companheiras presas.

Com a greve foram concedidas todas as exigências. Depois de alguns dias do fim da greve, Tereza recebeu a notícia que o cargueiro em que Januário era tripulante havia naufragado e haviam falecido todos os tripulantes. Entretanto, três dias antes, Januário havia desembarcado em outro porto para Bahia. Tereza não sabendo disso e já cansada de guerra e sem esperança, ao ser pedida em casamento, de início recusou, mas com a confirmada morte de Januário; aceitou se casar com Almério das Neves, homem bom que queria uma mãe para o seu filho e com o tempo o amor de Tereza. No dia do enlace da cerimônia reapareceu Januário e carregou Tereza consigo. Assim, Tereza, antes morta, renasceu.

3.2 Coronelismo e violência contra a mulher na obra objeto de análise

A obra supracitada tem como enredo a luta de uma mulher em um ambiente predominantemente hostil. Apresenta a figura feminina repleta de sensualidade, erotismo e força, uma mulher que constrói seus ideais, que amplia o seu espaço diante de uma sociedade patriarcal, pois o mundo retratado por Jorge Amado no romance é um mundo de sofrimento, violência e miséria. E é esse mundo que a

personagem principal conheceu desde cedo, primeiro quando ficou órfã e depois quando foi vendida pela tia para o coronel Justiniano Duarte da Rosa por “[...] um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa [...]” (AMADO, 1984, p. 68).

Vale ressaltar que o referido coronel comprou Tereza simplesmente para saciar os seus desejos sexuais. “Alimenta-se de meninas, chupa-lhes o sangue, mastiga-lhes a carne fresca, tritura-lhes os ossos” (AMADO, 1984, p.99). O coronel tinha preferência pelas meninas, em especial pelas que oferecia-lhe, na cama certa resistência. “As fáceis, [...] não lhe davam a mesma exultante sensação de poder, de vitória, de difícil conquista”. (AMADO, 1984, p.79). Ou seja, quanto mais resistência mais ele gostava, mais sentia prazer, tinha o poder de dominação, via a mulher como um objeto fácil de manipular, e as que mostravam ser mais resistentes, ele as tinha como troféu o qual era ganho diante de seu exercício de poder. De acordo com Verardo (2000, p.64):

O prazer maior é o exercício do poder ao explicitar para o outro que ele não passa de uma coisa, objeto vulnerável e passível de penetração e aviltamento. Quanto maior a resistência, maior o exercício de seu poder, maior a humilhação a que o outro é submetido, mais valioso o troféu.

O coronel Justiniano reproduziu com Tereza a mesma lógica de todos os coronéis, que tinham como conduta e principais características o autoritarismo, mandonismo e o machismo.

[...] o coronel-coronel é definitivamente o cabra-macho: macho para com as fêmeas [...] macho também pela brabeza: brabeza de matar, de mandar matar, dar surras; valentia para desafiar cangaceiros ou mesmo a polícia. Dessa fama de cabra-macho muitos deles se vangloriavam (VILAÇA E ALBUQUERQUE 2006, p.59).

Mostrando sua masculinidade através da ignorância, não se sujeitando a ninguém, praticando atos violentos, agressivos especialmente com as mulheres. No entanto, Tereza Batista apresentou um comportamento que quebrou algumas normas para o gênero feminino estabelecidas pela sociedade da época, por volta dos anos de

1970. Podemos perceber isso no momento que ela resistiu ao coronel, quando não se entregou facilmente, desafiando fortemente por um período de quase dois meses, aumentando o desejo sexual do coronel.

Mais ou menos dois meses, Tereza agüentou. Cada vez que o capitão a teve, foi na porrada. Cada novidade custou tempo e violência. Chupa, ordenava o capitão; a sediciosa trancava a boca, ele a batia-lhe com a fivela do cinto em cima dos lábios: abre cadela! Até abrir. Cada ensinamento durava noites e noites de aprendizagem; era preciso usar a mão aberta na cara, o punho fechado no peito, o cinto, a palmatória, a taca. Até que as forças de Tereza faltassem e ela consentisse ou executasse. Na fedentina de mijo, o sangue coalhado, os urros de dor, assim Tereza Batista se iniciou no ofício de cama. [...] Curso completo de medo e respeito, Tereza por fim obediente. Chupa, ela chupou. Depressa, de quatro e de costa. Depressa se pôs (AMADO, 1984, p.115, 116).

Tereza foi abusada sexualmente diversas vezes pelo coronel ao longo do período de convivência com ele, ou seja, durante dois anos.

Teles (2003, p. 21) caracteriza abuso sexual como: “[...] imposição do desejo sexual de um adulto a uma criança ou adolescente para satisfação única e exclusiva de si próprio, usando o outro como objeto”. Tereza era usada como um objeto para satisfazer os desejos do coronel.

O escritor descreve detalhadamente toda luta brutal entre a menina e o coronel, conforme podemos perceber no trecho abaixo:

Arfante, cego de ódio, o capitão surra como jamais surrou [...] Tereza defende a face, as mãos em chagas, não há de chorar mas os gritos e as lágrimas soltam-se e rolam independentes de sua vontade, não basta querer: Tereza urra de dor, ai! Pelo amor de Deus! [...] Tereza rola semimorta, o vestido empapado de sangue, o capitão continua a bater um bom pedaço de tempo. Aprendeu, cachorra? Com o capitão Justo ninguém se atreve a quem se atreve apanha. Para aprender a ter medo, a obedecer. (AMADO, 1984, p. 110).

O coronel usava da força para poder possuí-la, exercendo o seu poder patriarcal sobre a referida mulher, fazendo com que esta se submetesse a todas as suas vontades e instintos, conforme podemos perceber no episódio a seguir:

O capitão só deixa de bater quando Tereza pára de gritar, posta inerte de sua carne. Descansa um instante, larga a taça no chão, descruza-lhe as pernas, toca o recôndito segredo. Ainda tenta a menina um movimento, dois tapas na cara acabam de acomodá-la. O capitão ama descabaçá-las ainda verdinhas, com cheiro e gosto de leite. Tereza, com gosto de sangue. (AMADO, 1984, p. 111).

Tereza passa a ser escrava sexual, pois, “[...] os assuntos de cama e sexo significava para Tereza apenas dor, sangue, sujeira, amargura, servidão.” (AMADO, 1984, p. 123), ou seja, ela não sentia prazer. O único sentimento de Tereza em relação ao coronel era medo, pois desde a primeira noite por ela resistir, ele a espancava de forma desumana até a mesma ficar lesionada. Espancava-a com uma taca “[...] feita de encomenda, sete cordas de couro de boi, trançadas, tratadas a sebo, em cada corda dez nós.” (AMADO, 1984, p.110), ela rendeu-se fisicamente, continuando resistindo psicologicamente.

Por vezes ela tentou fugir, mas a partir do momento em que ele começou a queimá-la com um ferro de passar, ela começou a sentir medo. O trecho a seguir ilustra essa afirmação.

- não me queime, não faça isso, pelo amor de Deus. Nunca mais vou fugir, peço perdão; faço tudo que quiser, peço perdão. Pelo amor de sua Mãe, não faça isso, me perdoe, ai, me perdoe!
Sorriu o capitão ao constatar o medo nos olhos, na voz de Tereza; finalmente! Tudo no mundo tem o seu tempo e o seu preço.
A menina estava atada de cordas, deitada de barriga para cima. Justiniano Duarte da Rosa sentou-se no colchão diante das plantas nuas dos pés de Tereza. Aplicou o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro. O cheiro de carne queimada, o chiado da pele, os uivos e o silêncio da morte. (AMADO, 1984, p.116).

A partir desse momento Tereza passou a servi-lo passivamente, obedecendo, fazendo todos os seus caprichos e vontades, lavando até os pés do coronel, servindo como escrava, sendo humilhada por ele.

[...] às vezes o capitão empurrava-lhe o pé, derrubando-a no chão: por que não beija, não faz um agrado, peste? Outras melhores fizeram. Mandava-lhe o pé na cara: orgulhosa de merda! Empurrões e pontapés desnecessários, de pura ruindade; bastava o capitão mandar, Tereza engolia orgulho e repugnância, lambia-lhe os pés e o resto (AMADO, 1984, p. 123).

A protagonista foi condicionada pela sociedade, na qual as mulheres se encontravam reféns de uma situação de subordinação, sendo obrigadas a permanecerem caladas diante de tais condições, pois tal subordinação fazia parte do dever de esposa, e a permanência calada significava o respeito pelo seu marido, e era assim que tinha que ser, o homem ditava normas e a mulher as cumpria, o silêncio representava obediência.

[...] mães de filhos, e não obstante virgens de qualquer sensação de prazer, apenas possuídas e engravidadas. Em casa, com a esposa, o dever, o respeito, o pudor, a cama de fazer filhos; na rua, com amásia ou rapariga, o prazer, o requinte, cama de luxúria, libertina - essa divisa, o comportamento de muitos maridos de alta moralidade familiar. (AMADO, 1984, p. 164).

Era como os maridos tratavam suas esposas naquela época, como um objeto qualquer, cuja função era apenas gerar filhos. Isto é enfatizado no romance quando o amásio de Tereza, o Emiliano Guedes disse a mesma “[...] – Não quero e não terei filho na rua, [...]” (AMADO, 1984, p. 267). Quando Tereza engravidou do mesmo, ele a mandou escolher produzindo o seguinte discurso: “Decida Tereza, entre mim e o menino” (AMADO, 1984, p. 268). Assim, Tereza por não querer ficar só, escolheu a ele. Podemos perceber o poder de persuasão do usineiro com a protagonista. De acordo com Koss (2000, p.178), a nossa sociedade define o grau de masculinidade de um homem:

[...] pela soma de características como sucesso material, força física, capacidade de convencer por meio de argumentação, liderança, invulnerabilidade, destemor, controle das emoções, independência, poder, ambição, agressividade sexual e física, a capacidade de obter o que quer e quando quer.

Jorge Amado apresenta em “Tereza Batista”, uma questão tabu, revelando um grupo social que se encontra acobertado moralmente. Abordando algumas questões de importância para se pensar a sociedade. O autor descreve com todos os detalhes as violências sexuais cometidas com a menina Tereza. Como podemos destacar no fragmento a seguir:

Vou te ensinar o medo, tu vai ter tanto medo a ponto de adivinhar meus desejos como todas as outras ou mais depressa ainda. Pára de bater, foi uma boa lição, mas porque essa filha da puta não chora? Tereza tenta esgueirar-se, não consegue; o capitão a segura, torce-lhe o braço. A menina que aperta os dentes e os lábios, a dor a atravessa, o homem vai lhe quebrar o braço; não há de chorar, guerreiro não chora nem na hora da morte. Um raio de lua penetra na mansarda pelo buraco da janela condenada – pequeno demais para tamanha judiação. Na dor do braço torcido, Tereza afrouxa, cai deitada de costas – aprendeu papuda? De pé ante a menina caída, o capitão, pingando de suor, arranhado na perna, ferido no rosto, ri vitorioso; antes xingasse, o riso dele é sentença fatal. Solta o braço de Tereza; derrotada, não oferece mais perigo. Na raiva, o capitão terminara batendo por bater, maltratando por maltratar; na indignação esquecerá o principal e, em vez de se excitar, findara a luta de estroenga murcha. O raio de lua sobre a coxa descoberta reacende o desejo em Justiniano Duarte da Rosa. Aperta os olhos miúdos, retira a cueca, balança os bagos sobre a menina: veja minha filha, tudo isso é seu, vamos, tire o vestido, depressa, tire o vestido, estou mandando. (AMADO, 1984, p. 109-110)

A menina foi arrancada da sua infância inocente, vivendo em um verdadeiro inferno na casa do coronel, passando por momentos angustiantes, fazendo-nos refletir sobre nossa condição nessa sociedade que trata de forma encoberta e quase transparente as injustiças contra a mulher. Levando-nos a pensar quantas Terezas e quantos coronéis podemos encontrar em nossa sociedade. Certamente, muitos, pois estamos sempre vendo em jornais situações quase semelhantes e muitas até piores, chegando até a morte.

Tereza levava uma vida cheia de violências tanto física quanto psicológicas, em uma sociedade desigual, machista e patriarcal, passando por muitas injustiças, ou seja, Tereza pagou o preço por nascer mulher, mulata, bonita e socialmente desfavorecida.

No entanto, mesmo diante dessa submissão, ela mostrou uma postura feminina além da realidade da época. Podemos dizer que ela contrapõe-se as outras mulheres desse período, que viviam em uma sociedade machista, disputando um espaço com as figuras masculinas. Podendo ser considerada como afirma o crítico Nery (1990) indomável, resistente, que não se deixa vencer pela miséria do drama social, isto é, uma figura feminina que não abre mão da sua liberdade mesmo que esse direito de liberdade tenha sido conquistado sob discriminações e preconceitos.

Em determinado momento, Tereza assumiu uma posição de líder, transgredindo assim as normas associadas ao gênero feminino. Passando de uma

mulher violentada, para uma prostituta, e de prostituta para amásia e de amásia a heroína. Segundo Beauvoir (1980), em relação às questões de gênero, a identidade seja ela feminina ou masculina, não parte da essência genética, mas sim de construções socioculturais. Em outras palavras, a identidade não nasce com os indivíduos, mas é construída ao longo do tempo por meio de construções sócio-históricas e culturais.

No decorrer da obra analisada Jorge Amado mostrou que Tereza perdia o controle toda vez que via uma mulher sendo maltratada, agredida ou ameaçada por um homem, pois ela lembrava sua infância quando foi escrava do coronel Justo. Como é percebido no trecho da obra, no momento que Tereza presenciou uma briga entre um casal, ouvindo palavras tão repetidamente pronunciadas pelo coronel durante o período de convivência com ele: “aprenda a me respeitar, cadela!” (AMADO, 1984, p.18). Tereza ao ouvir tal palavra produz o seguinte discurso “– Homem que bate em mulher não é homem, é frouxo... [...] –... e em frouxo eu não bato cuspo na cara” (AMADO, 1984, p.19). Observamos que ficou um trauma na vida da personagem. Vale salientar que são acontecimentos pertencentes à realidade, no entanto a ficção aborda tais temáticas sociais. Visto que a literatura de certa forma mostra a realidade, no entanto um pouco diferenciada, conforme salienta Samuel (1985, p.14) “[...] como parte da sociedade, a literatura está *imane*nte à realidade (está nela)”. Ou seja, a literatura absorve e expressa às condições do contexto em que é produzida, ficando sujeita e intimamente relacionada com práticas sociais como afirma Candido (2010, p.65)

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo.

Vale ressaltar que Tereza representa muitas mulheres, como também podemos encontrar um pouco dos outros perfis femininos de Jorge Amado, tais como Tieta, Gabriela, entre outras. Uma mulher reprimida a procura de uma saída, através de lutas com a própria sociedade, saindo da linha moralista e tradicionalista, que caminham e lutam pelo seu espaço. Ou seja, a protagonista demonstra ser uma

mulher revoltada, recusando a condição de fragilidade, não aceita ser objeto e luta por autonomia, como percebemos no seguinte discurso de Tereza “[...] – Já passei por boas e aprendi que se a gente não brigar, não alcança nada nesta vida. Nem merece” (AMADO, 1984, p. 354). Tereza Batista é castigada pela vida, cansada de apanhar e de sofrer e, mesmo assim continuou lutando em busca de melhores condições de vida.

É necessário entender, a partir das representações da personagem, o papel secundário atribuído às mulheres ao longo da história. É sabido que, ao longo dos anos, a figura feminina foi impedida de exercer seus direitos, ficando a mercê da dominação masculina, materializada na figura do pai e/ou do esposo. A mulher ficou, portanto, refém dessa relação de dominação. Se nos reportarmos aos primórdios da história ocidental, mais precisamente na tradição judaico-cristã, temos a figura de Eva, através da qual o homem foi expulso do Éden. Esse fato de cunho religioso acabou moldando a construção de uma série de discursos que tomam a mulher como o símbolo da perdição, a causa do fracasso moral e espiritual de muitos homens, levando-os ao caminho da devassidão.

De acordo com Perrot (2007), a mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é necessário se defender, reduzindo-a ao silêncio, velando-a. No entanto, através das lutas a mulher começou a ganhar voz, alcançando um lugar no meio social valorizando seu conhecimento intelectual e mostrando que a mesma sabe pensar e agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada, foi possível verificar que Tereza Batista, a personagem principal da obra objeto de estudo, contestou a ideologia patriarcal vigente, isto é, de submissão do gênero feminino, visto que a referida personagem é representada como uma mulher que está à frente das outras mulheres dessa época, a qual luta pela sua liberdade, desmistificando o papel submisso atribuído à mulher construído pela sociedade em relação à figura masculina. Enfim, podemos dizer que o escritor rompeu com alguns paradigmas no que diz respeito ao universo feminino, mostrando que a mulher pode e tem o direito de se igualar aos homens.

No caso de Tereza Batista, a análise evidencia que essa personagem foi vítima de ações violentas, de diversas ordens, ou seja, tanto físicas como psicológicas. O principal causador desses atos violentos era o coronel, o que atesta a força que o sistema do coronelismo detinha naquele período histórico.

A discussão suscitada neste trabalho não se limita ao mundo da literatura, mas reflete uma realidade que torna a mulher vulnerável ao poder masculino, mesmo após tantos avanços na regulamentação dos direitos da mulher (com destaque para a Lei Maria da Penha). Assim, acreditamos que a construção de uma sociedade em que haja a tão buscada igualdade de gênero passa pelo enfrentamento de todas as formas possíveis de violência contra a mulher. Nesse sentido, a literatura, apesar de não ter a função de modificar a realidade, pode fazer com que se reflita acerca dessa realidade, e, com isso, buscar mecanismos de transformação social.

Além disso, podemos perceber ao longo deste trabalho a estreita relação entre o poder e a violência, atentando para o fato que nem toda relação de poder implica atitudes violentas, mas no caso da obra estudada essa relação acontece de modo explícito, visto que o poder exercido pelo coronel sobre Tereza legitima a violência cometida, por se considerar dono da personagem, se sentia autorizado a usar e explorar Tereza das mais variadas formas.

Historicamente, a mulher tem sido vítima de inúmeras modalidades de violência, sem esquecer a que mais agride a dignidade feminina – a sexual. A personagem Tereza Batista foi violentada de forma veemente. Assim, o autor Jorge Amado descreveu minuciosamente as ações desumanas as quais Tereza esteve submetida, revelando o viés da literatura de retratar fatos que ocorrem na realidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**; romance; ilustrações por Calasans Neto. 21ª. ed. Rio de Janeiro, Recorde, 1984.

_____, Jorge. **Jorge Amado**/ seleção de textos, notas, estudos histórico e crítico por Álvaro Cardoso Gomes e Sonia Regina Rodrigues Neves. – 3ª ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1990. – (Literatura comentada).

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração do imaginário: o romance baiano do século XX**. Itabuna/Ilhéus, Ba: Via Literarum, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. 1. Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O Segundo Sexo. 2. A Experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. São Paulo, Cultrix, 1997.

BOAS, Sérgio Vilas. “Olhares modernos sobre um romântico”. In: *Jornal de Poesia*. 2005. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/svboas1.html>. Acesso em: 12 de junho de 2013.

BRAGA, Eliane Maio. A questão do Gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). **Infância e práticas educativas**. Maringá – Pr. EDUEM. 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11.ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio. et al. **A Personagem de ficção**. – 12 ed. São Paulo: perspectiva, 2011. (Coleção debate; 1 / dirigida por J. Guinsburg).

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 4ª Ed. 2001.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estudos Avançados. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acessado em: 15 de mar. de 2013.

FALCÓN, Gustavo. **Coronéis do cacau**. - - Salvador, BA: Solisluna Design, 2010.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOZZO, T.O.; FUSTINONI, S.M.; BARBIERI, M.; ROEHR, W.M.; FREITAS, I.A. **Sexualidade feminina: compreendendo seu significado**. Rev.latino-am.enfermagem,

Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 84-90, julho 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n3/12403>>. Acesso em: 01 de abril de 2013.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. 2.ed. –São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. – São Paulo: Escrituras, 2000. - -(Coleção ensaios transversais)

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 7ª edição –São Paulo: Companhia das letras, 2012.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo; SILVA, Eli Brandão da. Religião, Sexualidade e representações de gênero. Considerações introdutórias. In: SILVA, Antonio de Pádua dias da (Org). **Identidades de Gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: EDUEP, 2008.

MATTA, R. Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional. In: **Jorge Amado, Km 70**. Tempo Brasileiro, n, 74, p. 3-33, 1983.

NERY, Hermes Rodrigues. A dinâmica criatura de Jorge Amado. In: conversando com Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1990.

NEVES, Magda. **Trabalho e cidadania: as trabalhadoras de Contagem**. - Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. –(Coleção Historia do Povo brasileiro).

PONTES, Antônio Barroso. **Sertão Brabo - usos e costumes-**. João Pessoa: A união - Cia. Editora, 1979.

SAMUEL, Rogel. Arte e sociedade In: SAMUEL, Rogel (Org.). **Manual de Teoria Literária**. 13.ed. – Petrópolis: Vozes, 1985. p. 7-16.

SANTOS Jucélia Bispo dos. **Novos movimentos sociais: feminismo e a luta pela igualdade de gênero**. In: Revista Internacional de Direito e Cidadania, n. 9, p. 81-91, fevereiro/2011. Disponível em: <<http://www.reid.org.br/arquivos/00000228-07-09-santos.pdf>>. Acesso em: 31 de março de 2013.

SILVA, L. L. et al. **Violência silenciosa: violência psicológica** Violência silenciosa: como condição da violência física doméstica. Interface - Comunicação, Saúde, Educação. v.11, n. 21, jan/abr 2007, ISSN: 1414-3283. p. 93 – 103. Disponível em: <<http://issuu.com/revista.interface/docs/v.11-n.21-jan.-abr.2007>>. Acesso em: 26 de março de 2013.

SOUZA, Sérgio Ricardo de. **Comentários à Lei de Combate à Violência contra a Mulher**. Curitiba: Juruá, 2007.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência**. - São Paulo: Brasiliense/Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO Mônica de. **O que é violência contra mulher**. – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (coleção primeiros passos; 314)

VELLASCO, Edson Durães de. **Lei Maria da Penha: novos instrumentos penais e processuais penais para o combate à violência contra a mulher**. Monografia (Especialização em Direito Penal e Processual Penal) – Centro Universitário do Distrito Federal, Instituto de Cooperação e Assistência Técnica. BDJur, Brasília, DF, 29 fev. 2007. Disponível em: <http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/16568/Lei_Maria_Penha_Edson%20Dur%C3%A3es%20Vellasco.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 de Mar. de 2013.

VERARDO, Maria Tereza. **Sexualidade violentada: as marcas de uma tentativa de destruição**. – São Paulo: O nome da Rosa, 2000.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. **Coronel, Coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste**. 5ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Código eleitoral, decreto n. 21.076 – de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=33626>>. Acesso em: 20. mar. 2013.

<<http://www.jorgeamado.com.br/professores/07.pdf>> Acesso em: 10. jul. 2013.

<<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/10mostra/5/114.pdf>> Acesso em: 10. Ago. 2013

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/ped%C3%B3filo/>> Acesso em: 12. Ago. 2013.

Estatuto da criança e do adolescente. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 12. Ago. 2013.

<<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12590>> Acesso em: 12. Ago. 2013

Definição de varíola disponível em <<http://www.dicio.com.br/variola/>> Acesso em: 24. Set. 2013